

INTÉRPRETE DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA POSIÇÃO DISCURSIVA EM CONSTRUÇÃO

Ângela Russo – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Eixo Temático: - Discurso e tradução/interpretação de/para a língua de sinais

Resumo

Neste trabalho analiso, a partir da Análise de Discurso de Michel Pêcheux e uma aproximação com os Estudos da Tradução, o discurso de alunos de curso de intérpretes de língua de sinais – ILS através das auto-avaliações e de suas narrativas já como profissionais, buscando identificar efeitos de sentidos discursivos produzidos durante os referidos percursos, implicando os modos de constituição da posição discursiva do sujeito ILS nessa área.

Introdução

A formação dos ILS em nosso país ainda carece de muito estudo e pesquisa para que possa se destacar como uma formação de qualidade. Temos diversas modalidades de cursos oferecidos: pequenos cursos, oficinas, cursos de extensão, curso superior, curso de tecnólogo entre outros, mas que ainda não dão conta de toda a demanda de nosso país. A promoção de cada um desses cursos é feita de acordo com as necessidades e as condições locais, não sendo, na maioria das vezes, cursos institucionalizados.

Isso também se deve ao fato de que a “formação” dos intérpretes de língua de sinais no Brasil vive um momento de transição, tanto em seu caráter estrutural como prático. Novas legislações acerca deste tema, como o Decreto Federal 5626/05, que regulamenta a língua brasileira de sinais vem orientando a elaboração dos projetos de implementação de cursos de formação universitária para os intérpretes. Nesta direção, mais recentemente tivemos o lançamento do curso de Letras Libras - Bacharelado em Tradução e Interpretação, na modalidade a distância, oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, abarcando 15 polos em todo o país, inclusive no RS com um polo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Portanto, esta pesquisa se realizou nesse momento de transição histórica da área, o qual representa sua legitimação oficial no campo da educação, onde passou a figurar como uma área específica.

Desde minha primeira experiência como formadora de ILS, desde o ano de 2002, venho acumulando experiências nessa área. E a partir disto venho observando o quanto ainda temos que considerar quando pensamos na formação de ILS como: a aproximação com as discussões que acontecem entre os ILS em suas práticas cotidianas, resgatando seus fazeres e saberes; a consideração do acúmulo desses saberes quando se pensar na elaboração das propostas de curso de ILS; a atenção aos resultados das pesquisas já realizadas dentro e fora de nosso país e que podem contribuir significativamente com nossas demandas, além da aproximação com os pesquisadores surdos, no Brasil e no mundo todo, já que estes contribuem, tanto com seus pontos de vista como estudiosos e acadêmicos quanto com suas considerações como usuários do trabalho dos ILS.

Destaco ainda que nas disciplinas que tenho ministrado em alguns cursos de formação de intérprete, voltadas principalmente para as técnicas de interpretação da língua de sinais para a língua oral e vice-versa, costumo desenvolver a prática de solicitar aos alunos a escrita diária de suas impressões sobre seu próprio processo de aprendizagem, buscando relacioná-lo com as atividades propostas pela disciplina, com suas experiências com a Libras, bem como com as suas práticas de interpretação vivenciadas antes de ingressarem no curso. Poderíamos dizer que se trata de uma auto-avaliação contextualizada, que tem também como propósito avaliar constantemente minha prática como formadora de ILS. Por meio desta prática, posso ter o retorno dos alunos quanto ao que o curso proposto apresenta de novo para eles e se o mesmo atende as suas expectativas.

Todo esse rico material escrito das auto-avaliações, acumulado durante mais de cinco anos e que estava até então adormecido, foi finalmente despertado para fazer parte do *corpus* da minha pesquisa. Com base nesse *corpus*, pretendi focar a interpretação em Libras na perspectiva do discurso do sujeito-intérprete dessa língua de sinais, participante de um curso de formação específica, do qual o módulo prático foi ministrado por mim.

As reflexões acerca da Análise de Discurso e sua aproximação com a área da tradução e da interpretação em LS aconteceu a partir de seminários realizados durante o mestrado e que contribuíram para dar vida a esta pesquisa que pretendeu analisar os discursos do ILS em atividades de formação e em atividade profissional como ILS, tomando conceitos da Análise de Discurso e buscando também subsídios no diálogo com pesquisas inscritas na área denominada

Estudos da Tradução. O propósito amplo é contribuir para a reflexão acerca da qualificação dos cursos de ILS em nosso país.

Método

As análises realizadas foram dirigidas a mostrar efeitos de sentidos que configuram a constituição da posição discursiva do ILS, partindo das formulações discursivas dos ILS, destacadas no *corpus* selecionado para a pesquisa, ou seja, as auto-avaliações de cinco alunos de um curso de ILS no interior do RS realizado em 2004 e, posteriormente, a inclusão das narrativas, destes mesmos alunos agora como profissionais atuantes, de uma experiência significativa e marcante de sua atuação profissional.

Dentre os efeitos de sentidos evidenciado na pesquisa, destaco para esta produção em particular, apenas um denominado a importância das tarefas de tradução.

Discussão

Durante a análise do *corpus* um efeito de sentido foi interpretado, um efeito que está diretamente relacionado com a formação dos intérpretes de língua de sinais, um efeito que aponta para a importância das tarefas de tradução no decorrer dos cursos. Tarefas de interpretação, simulando situações reais de trabalho e que possam contribuir para a formação desses futuros profissionais. Podemos observar esse efeito nas formulações discursivas de todos os sujeitos da pesquisa.

(S2) Cresci ao analisar costumes que temos e muitas vezes não os notamos.

(E1) Esta é a primeira oportunidade de exercitar as técnicas.

(L2) Agora acho que consegui “arrumar”.

(L4) Sei que sou capaz de ajudar como poderia ter ajudado o F., eu tentei, mas na hora não consegui.

(T3) Eu estava muito tensa antes de fazer a minha avaliação no vídeo, depois que fiz consegui perceber onde eu tinha que mudar e tentei.

(M3) Aprendi muito, mas ainda acredito ter que aprender muito mais ainda principalmente no trabalho em grupo, que hoje foi meio confuso... foi bom ter vivenciado muitas coisas aqui no curso e não num evento oficial

Essas formulações apontam para uma discursividade que marca um dar-se conta sobre o processo particular de aprendizagem de cada um dos sujeitos participantes do curso. O envolvimento de cada um nas tarefas de interpretação, a relação com o outro sujeito, o desejo de ajudar, a

satisfação de ter vivenciado isso tudo ainda no curso e não em um *evento oficial*, a posição de sujeito aberto para a avaliação, a constatação da superação e do “fracasso”, são aspectos a que o discurso desses, ainda alunos, nos remetem.

As tarefas de interpretação são comumente utilizadas nos módulos práticos dos cursos de ILS que costumam ministrar. Nelas, procuramos oportunizar ao aprendiz de interpretação em língua de sinais, situações que se aproximem daquelas que eles enfrentarão no seu cotidiano como ILS. Quando os desafiamos a elaborar essas tarefas, sempre incluímos nelas pequenos desafios que podem, se não forem bem interpretados (e aqui é uma interpretação discursiva, produzir sentidos), influenciar no processo de interpretação.

Para ilustrar, descrevo a última atividade proposta no curso, e que provocou muita angústia aos alunos por trazer muitos desafios ao longo da elaboração da mesma.

Propomos a simulação de um evento, onde todos os alunos fariam parte da equipe de intérpretes de Libras daquele evento. Orientamos todos, agora intérpretes do evento, quanto ao horário de início do evento (no início da tarde) e quem seriam as palestrantes. Não foi disponibilizado qualquer material prévio para a preparação dos ILS¹. Alguns minutos antes do horário previsto para iniciar o evento as palestrantes já se posicionaram junto à mesa onde seria proferida a palestra². Enquanto isso, os intérpretes ainda estavam se organizando e nenhum deles ocupou o lugar no “palco”, em frente à câmera que filmaria o evento³. No horário combinado, a palestra começou e nesse exato momento, nenhum intérprete havia se posicionado para iniciar a interpretação. Foi um corre-corre, até que um intérprete resolveu assumir o posto. Durante a palestra, foram dadas várias “deixas” para que os intérpretes pudessem efetuar a troca sem que houvesse a perda de alguma informação entre a saída de um e a entrada de outro. Na maioria das “deixas” os intérpretes não as aproveitaram, justificando posteriormente que ainda não havia fechado o tempo combinado de troca de 15 minutos. Outro aspecto marcante foi a função de apoio (aquele intérprete que se posiciona à frente ou ao lado do intérprete que está atuando para

¹ Eles poderiam procurar as palestrantes, se apresentar como ILS do evento e solicitar o material para que pudessem estudar o conteúdo da palestra, ou no caso de não haver material, solicitar que a palestrante pudesse rapidamente apresentar os principais tópicos da fala, nome de autores que seriam citados, entre outras informações que a equipe avaliasse como importante.

² Nenhum intérprete se aproximou para solicitar alguma coisa das mesmas.

³ Como eles eram muitos, uma estratégia possível seria a de um deles esperar no palco pelo início da palestra e, no momento da troca, após seus 15 minutos de interpretação, se informar das combinações de última hora feitas pela a equipe.

ajudá-lo com algum sinal ou palavra a qualquer momento que precisar), que não funcionou conforme eles haviam planejado, o que dificultou todo o processo de interpretação.

Ao final do evento, os olhares de desânimo eram evidentes, um silêncio imperou por alguns minutos, logo após, os burburinhos sobre o que cada um havia feito e o que não havia feito. Foi quando propusemos aos, agora alunos novamente, que assistíssemos à gravação e iniciássemos o processo de análise coletiva da interpretação do evento.

Foi nesse momento que os alunos se manifestaram, expondo suas impressões sobre a tarefa de interpretação proposta, seus acertos, seus erros, as escolhas que avaliaram como mais adequadas do que as outras, os elogios a um ou outro colega, a desorganização da equipe em alguns momentos, as improvisações que funcionaram e as que não funcionaram, a vontade de ajudar um colega, mas sem ter tido êxito, a oportunidade de exercitar as técnicas de interpretação propostas em outras tarefas, enfim, foram falas significativas e muitas delas se apresentaram nas auto-avaliações analisadas e destacadas neste item.

A partir disso, podemos retomar o que Hurtado (2005) apresenta em seu projeto PACTE de formação de tradutores em Barcelona, destacando o caráter estratégico das tarefas de tradução nos cursos de tradutores, e em nosso caso, de intérpretes. Segundo a autora, as tarefas de interpretação deveriam ocupar um lugar de destaque na formação dos tradutores e intérpretes já que, a partir delas é que os aprendizes, os estudantes, terão a oportunidade de se colocarem como profissionais, assumindo suas funções, vivenciando situações que poderão enfrentar quando forem profissionais. A autora alerta que essas tarefas produzem um sentido ainda maior de identificação com a profissão, quando são realizadas em conjunto e avaliadas coletivamente.

Portanto, essa questão torna-se importante para nossa pesquisa, já que pretendíamos identificar alguns efeitos de sentidos que pudessem apontar caminhos para a elaboração de propostas curriculares dos cursos de formação de ILS. Desse modo, acreditamos que nos momentos práticos dos cursos, como: os laboratórios; os estágios; as simulações, essa oportunidade de vivência das tarefas de interpretação sejam propostas, pois, conforme diz o sujeito M3, *“foi bom ter vivenciado muitas coisas aqui no curso e não num evento oficial”*.

Resultado

Por fim, mas não um fim permanente, acredito que as reflexões que esta pesquisa possibilitou justificam o investimento que lhe foi dedicado. É uma pesquisa que acontece em um momento de

transição e de novos acontecimentos acerca da organização dos intérpretes de língua de sinais por todo o país, com as associações de intérpretes (APILS) e a Federação Brasileira dos Profissionais Intérpretes e Guias Intérpretes de Língua de Sinais – FEBRAPILS. Momento de transição em que se instaura curso superior de formação de intérpretes de língua de sinais; e em que muitos ILS estão se envolvendo em pesquisas que tematizam a interpretação em língua de sinais.

Os efeitos de sentidos identificados na análise realizada caracterizam a posição discursiva do sujeito intérprete de língua de sinais que estamos formando. Tendo em vista a crescente demanda de formação de intérpretes referida, considera-se que essa análise aponta ao vasto leque que se abre para pensarmos nos caminhos a trilhar, no sentido de promover a formação inicial, continuada e em serviço dos intérpretes de língua de sinais.

Sabemos que os sentidos evidenciados no processo de análise do *corpus* estabelecido nesta pesquisa, sob o referencial teórico-analítico da Análise de Discurso, foram produzidos conforme a interpretação da analista, a partir de sua experiência; acentua-se assim o caráter de que os mesmos não se esgotam e não são fixos. E também pondera-se que esses sentidos foram constituídos num dado momento histórico, em que uma condição de produção específica - e determinante - a elaboração de uma dissertação de mestrado – se apresentou.

A análise de discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito... a questão crucial é construir interpretações sem jamais neutralizá-las nem no “não-importa-o-quê” de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal. PÊCHEUX (Leite, *apud* Gregolin e Baronas, 2007, p103)

A articulação pretendida entre a teoria que sustenta a pesquisa - Análise de Discurso - com os estudos da tradução e da interpretação foi uma tarefa árdua e desafiadora. Buscar uma aproximação sem a pretensão de homogeneizar as diferenças entre as áreas mereceu uma atenção constante, um olhar cuidadoso e delicado. As noções sobre o quanto somos assujeitados, sobre a opacidade da língua e o fato de que enunciamos no imbricamento entre o interdiscurso e o intradiscurso, que o que se supõe ser de verdade é apenas um efeito de sentido aberto à deriva para tantos outros sentidos tornaram-se desestabilizadores de uma articulação pretendida

inicialmente; os pontos de tangenciamento escapavam, atestando que o desejo da pesquisadora de dar conta de todos os sentidos é ilusório.

Além disso, temos clareza de que ainda é necessário novas imersões, tanto neste quanto em outros *corpus*, no sentido de identificar novas inquietações acerca da constituição discursiva dos intérpretes de língua de sinais.

Outra sinalização que destacamos, refere-se à área na qual a formação dos ILS se constituirá: Letras; Pedagogia; Linguística Aplicada; Tradução. Notamos, no decorrer da pesquisa que há um atravessamento dessas áreas nesse novo e vasto campo de atuação profissional denominado como interpretação em língua de sinais. Entretanto, ressaltamos que, independentemente da área de filiação sugerida, as demais também se farão presentes. Não da forma que se apresentam em suas áreas de origem, mas sim, apontando as noções que se cruzam e se imbricam ao campo da interpretação em língua de sinais.

Portanto, dar a palavra àqueles que vivenciam ou já vivenciaram os cursos de ILS se torna imprescindível para que possamos identificar, em seus discursos, sentidos que estão sendo produzidos por estes sujeitos que protagonizam este momento, tateante e de transição, que a profissão, intérprete de Libras, atualmente atravessa. Momentos onde, da experiência desses profissionais, muitos acontecimentos estão emergindo no seu cotidiano rico em diversidade, nas suas relações com seus pares, produzindo sentidos capazes de se deslocarem para a memória discursiva coletiva dessa área, que passa também a se afirmar na memória social mais ampla.

Referências

HURTADO-ALBIR, Amparo. A Aquisição da Competência Tradutória: aspectos teóricos e didáticos. Tradução por: Fábio Alves. In: ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Competência em Tradução: Cognição e Discurso**. Tradução por: Fábio Alves. Belo Horizonte: UFMG, 2

LEITE, Maria Regina Baracuhy. Bombril e Ratinho: as vozes da sedução. In

GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Org.). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos/ SP. Editora Claraluz, 2007. p.103-14